

Bestseller do *USA Today*

ELLIE MIDWOOD

Baseado na história real de Alma Rosé,
violinista austríaca judia e sobrinha
do compositor Gustav Mahler.

A 

Violinista

de 

Auschwitz



TOP
SEL
LER

*À minha mãe e à minha avó, duas das mulheres mais fortes
que conheço. Foram vocês que me ensinaram a ser uma lutadora
e a escrever acerca de pessoas lutadoras. Obrigada.*

Prólogo

Auschwitz-Birkenau, 4 de abril de 1944

Hoje não haveria chamada ao palco, no final. Não para ela, pelo menos. Alma fitava uma fenda na parede em frente, remexendo distraidamente num pequeno frasco com um líquido cristalino. Demorara um mês a conseguir obtê-lo junto de um dos prisioneiros que trabalhavam no *Kanada*¹. O homem andara a protelar ao longo de semanas, fazendo um esgar e inventando as mais diversas desculpas — gostaria muito de a ajudar, mas não encontrava aquilo em lado nenhum; só os médicos alemães é que o tinham, não os do campo, e ele não sabia de nenhum alemão que pudesse subornar; não era propriamente amigo deles, como ela devia calcular —, na esperança de a fazer mudar de ideias. Alma ouvira e assentira e respondera obstinadamente que não fazia mal e que estava disposta a esperar o tempo que fosse preciso, até que, por fim, o homem se cansara e acabara por se render.

— Aqui tem. É o melhor do mercado, segundo me disseram. É mais eficaz se for injetado, mas também o pode engolir, se preferir, embora demore um bocadinho mais a fazer efeito.

— Obrigada. Pode ficar com o meu violino em paga, depois de...

— Não quero nada. — O homem abanara categoricamente a cabeça e assestara os olhos no chão, batido pelos pés de milhares

¹ Instalações de armazenamento em Auschwitz para onde iam os bens confiscados aos judeus feitos prisioneiros.

de prisioneiros, a maioria dos quais já mortos e caídos no esquecimento. — Está misturado com outra substância, pelo que não deverá sentir muita dor antes de... — Não chegara a terminar a frase, ficando simplesmente a fitá-la com uma expressão trágica, os olhos azuis suplicantes, as mãos enfiadas nos bolsos.

Com um sorriso débil, Alma estendera a mão e afagara o pulso do homem, grata pela sua ajuda.

Dor. Se ele fizesse a mais pequena ideia da dor com que ela tivera de viver nas últimas semanas, não a teria atormentado tanto tempo com aquela espera inútil. Aquilo viria pôr fim à sua dor, não infligi-la.

Bateram com força à porta, arrancando Alma dos seus pensamentos. Ela apressou-se a guardar o frasco no bolso do vestido preto. Cerrou os punhos e endireitou os ombros.

— Sim?

Zippy espreitou à porta. Era a bandolinista da orquestra, confiante de Alma e uma amiga que esta viera a amar como irmã.

— Chegou a *Lagerführerin*² Mandl. Estamos prontas para começar.

Alma fez-lhe um aceno de cabeça, pegando no estojo do violino, numa batuta e numa partitura de cima da mesa. Antes de sair, lançou um último olhar de relance ao espelho.

A orquestra feminina incluía-se no grupo dos prisioneiros considerados privilegiados. A chamada elite do campo de concentração, que usava roupas normais em vez de uniforme e podia manter o cabelo intacto. Os afortunados, que não tinham de matar as costas nas pedreiras nem temer o horror das seleções. Os animaizinhos de estimação dos nazis, bem alimentados e poupados à tortura que os outros tinham de sofrer diariamente. «Um arranjo do caraças! De que é que nos podemos queixar?», tinham sido as palavras exatas de Zippy. Porém, não se podia dizer que houvesse muita dignidade numa existência assim tão abjeta, quando todas as razões para viver

² Ao longo do livro são referidas várias patentes paramilitares criadas pelo Partido Nazi para nomear os seus diferentes oficiais de campos de concentração que não têm correspondente em português, pelo que se optou por deixá-las na língua original.

lhes haviam sido tiradas. Não apenas tiradas, mas arrancadas, a meio da noite, da forma mais cruel que se possa imaginar; asfixiadas, calcinadas, atiradas a um lago, numa pilha de cinzas, até não restar nada delas senão a memória.

A memória e a dor — entorpecedora, interminável, a envenenar-lhe lentamente o sangue.

Pensando no frasco que trazia aninhado no bolso, Alma alisou os caracóis escuros com a mão e ajeitou a gola de renda branca. Hoje iria tocar pela última vez: mais valia estar bonita.

Capítulo 1

Auschwitz, julho de 1943

Naquela tarde enevoadada, o bloco 10 estava imerso num silêncio absoluto e num calor abrasador. De tempos a tempos, uma das enfermeiras prisioneiras fazia a sua ronda vagarosa, em busca de mortes recentes. Dia sim, dia não, havia sempre algumas. Não que Alma se dedicasse a contá-las — tinha de se preocupar com a sua própria febre —, mas ouvia, de vez em quando, por entre o sono estremunhado, as enfermeiras a retirarem os cadáveres das camas. Algumas das prisioneiras já estavam doentes quando foram arrebanhadas e enfiadas com Alma no comboio, em Drancy, o campo de trânsito francês. Outras adoeceram durante a viagem, o que também não era de admirar, pois iam enlatadas como sardinhas em vagões de gado, 60 pessoas por vagão. Outras, ainda, morriam com as experiências médicas falhadas que lhes faziam em Auschwitz.

Alma percorreu lentamente a enfermaria com o olhar. Era bastante grande, com as camas tão coladas que as enfermeiras tinham dificuldade em passar pelo meio. Porém, o pior de tudo era o fedor, o cheiro repulsivo e atroz a suor rançoso, a bafo pestilento, a carne gangrenada e a roupa conspurcada que lhe dava vontade de vomitar.

Ao contrário dos outros grupos, o de Alma não fora submetido a quarentena à chegada. Nem tão-pouco as fizeram marchar imediatamente para as câmaras de gás; ao invés, tiveram a sorte duvidosa de ir parar ali, ao bloco experimental — um edifício de tijolo de dois

andares com as persianas das janelas fechadas para proteger os seus segredos sinistros de qualquer curioso lá fora.

Por vezes, as enfermeiras apiedavam-se delas e abriam as janelas uns instantes preciosos para ventilar o espaço. A maioria dos dias, todavia, isso só vinha piorar as coisas. Atraídos pelo cheiro, entravam enxames de moscas e de mosquitos que atacavam os corpos macilentos com uma fome devoradora, espalhando ainda mais as doenças e torturando as enfermas com os seus zumbidos e picadas incessantes. Aumentava o número de feridas infetadas e de cadáveres levados pelas auxiliares de cabeça rapada, com uma delas a fazer, invariavelmente, a contagem das mortes para apresentar depois ao seu superior, o Dr. Clauberg, das SS. As ordens infames dos alemães eram impostas pelos próprios prisioneiros judeus. Alma apercebeu-se rapidamente da ironia daquela triste realidade.

No seu primeiro dia na enfermaria, tentara ingenuamente pedir que lhe dessem algum medicamento para a febre, obtendo como única resposta uma gargalhada. Ostentando a maior dignidade que lhe era possível naquelas circunstâncias — algo difícil, quando acabara de ser arrebanhada como uma ovelha e lhe haviam atribuído um número em vez do nome —, indagara também pelas máquinas de raios X em que reparara nas duas salas do piso térreo, mas fora igualmente ignorada pelas enfermeiras.

— Meta-se na sua vida. — Fora o melhor que conseguira arrancar à *Blockälteste* Hellinger, uma mulher loura de expressão carrancuda com uma braçadeira de responsável sénior no braço esquerdo. Parecia que as enfermeiras, embora fossem também elas prisioneiras, não estavam muito interessadas em fazer amigas entre as recém-chegadas.

— Sei que não estamos no Hotel Ritz, mas a hospitalidade por aqui deixa bastante a desejar — comentara Alma, muito calmamente.

Apanhada de surpresa, a enfermeira erguera os olhos da sua prancheta e pestanejara para a nova prisioneira. Fizera-se um silêncio instantâneo na enfermaria. De súbito, todos os olhos se viraram para Alma. Ocorrera-lhe que devia ser raro alguém tentar discutir ali.

— Veio no transporte francês, não foi? — Hellinger analisara Alma com uma expressão gélida. Falava alemão corretamente, mas com um forte sotaque húngaro. — Eu já devia ter adivinhado. As mais emproadas vêm sempre de França.

— Sou austríaca. — Alma sorria-lhe.

— Pior ainda. Vocês e as vossas velhas ambições imperiais. Mas não se preocupe que as SS vão corrigir-lhe rapidamente essa atitude, Vossa Alteza.

— Gostava de ver isso, não gostava?

Para sua surpresa, Hellinger encolhera os ombros com um ar indiferente.

— Tanto me faz. Nomearam-me enfermeira sénior para garantir a ordem, e não para me preocupar com nenhuma de vocês. Metade vai bater a bota até ao fim da semana e a outra metade há de subir pela chaminé nos próximos três meses, se conseguirem resistir tanto tempo após o procedimento.

O procedimento.

Alma reparara na ala pós-operatória ao lado daquela, mas o acesso era restrito.

— Inscrevam-me como voluntária, então — dissera por puro despeito. Como um animal encurralado, resolvera arreganhar os dentes, numa derradeira tentativa inútil de se iludir a si mesma: não tanto para ferir o inimigo, mas para se convencer de que não tinha medo. — A mim tanto me faz, também. Quanto mais depressa tudo isto acabar, melhor.

Alma esperara um acesso de fúria — as prisioneiras eram espancadas à mais pequena provocação —, mas Hellinger permanecera estranhamente em silêncio. Parecera ponderar por algum tempo, acabando por fazer sinal a Alma para que a seguisse. Observando-lhe as costas, desconfiada, Alma seguira-a ao longo do corredor mal iluminado até à porta da ala pós-operatória, que Hellinger segurava aberta. Quando se aproximara, apreensiva, a mulher fizera um gesto trocista com a mão, como que a dizer: «Depois de si, Vossa Alteza.»

O ar era ainda mais putrefato naquela ala. Hellinger detivera-se junto à primeira cama, onde jazia uma mulher com a cara tão fantasmagoricamente branca e perlada de suor que parecia envergar uma máscara funerária de cera derretida.

Hellinger levantara a bainha do roupão da mulher com uma indiferença arrepiante. Alma sentira o estômago a contrair-se, repugnada, fazendo, porém, uso de todas as forças para impedir que a emoção lhe transparecesse no rosto. Uma crosta preta cobria a pele avermelhada e em carne viva da mulher, onde as bolhas haviam rebentado, no abdómen. Um pouco acima do osso púbico, tinha uma grande ferida mal suturada cheia de altos, que emanava um cheiro repulsivo.

— Estão a fazer experiências de esterilização — explicara Hellinger, no tom desapaixonado de um professor universitário. — Uma dose muito elevada de radiação aplicada sobre os ovários, seguida da sua remoção cirúrgica para verificar se o procedimento foi bem-sucedido. Os raios X são tão potentes que provocam queimaduras graves. A cirurgia é feita praticamente sem anestesia. Como pode ver, esta doente tem uma infecção grave: nada que preocupe o Dr. Clauberg, claro. Estão a tentar determinar a dose ideal, de modo a não causar queimaduras, mas, por enquanto, é este o resultado. — Tapara o abdómen da mulher e lançou um olhar contundente a Alma.

Alma permanecera imóvel por instantes.

— Têm algum sistema? — perguntara, por fim, ao recuperar a voz. — Refiro-me ao método de seleção das prisioneiras.

— Estamos a falar de alemães. — Hellinger sorriera pela primeira vez, embora a Alma parecesse mais um esgar. — Estabelecem uma ordem numérica perfeita para tudo. Até agora, fizeram o procedimento nos números 50 204 a 50 252.

Alma olhara de relance para o antebraço esquerdo, onde o seu número, o 50 381, fora tatuado a tinta azul-clara.

Hellinger também olhara para ele, com a sua expressão a suavizar levemente.

Alma erguera de repente a cabeça. Os seus olhos negros haviam recuperado a determinação.

— Posso pedir-lhe um favor? — Hellinger encolhera um ombro.
— Consegue-se arranjar um violino aqui?

— Um violino? — Pelos vistos, pedir um instrumento musical em Auschwitz era tão inaudito como responder a um superior. — É violinista, ou algo do género?

— Algo do género. Já não toco há oito meses e calculo que não tenha muito mais tempo. Gostaria imenso de tocar uma última vez, se fosse possível. Isto se o último desejo de uma pessoa condenada à morte ainda significar alguma coisa num sítio como este.

Hellinger prometera que iria ver o que poderia fazer. Olhara de relance para a mão pálida de Alma, como se considerasse pegar nela por um instante, mas mudara de ideias à última hora, virando costas abruptamente. Dar esperança aos condenados era simplesmente cruel.

Alma permanecera ali de pé, diante do fantasma imóvel daquela mulher naquela cama, a invejar a sorte dos que eram gaseados logo à chegada.

Os dias, intermináveis, eram todos iguais. A mesma rotina de sempre, que as conduzia à loucura. Água lamacenta ao pequeno-almoço, a que os alemães chamavam café. O Dr. Clauberg a fazer as suas rondas: «Abra a boca. Mostre-me os dentes.» Uma senhora francesa a rezar em latim a um canto, balançando-se para trás e para a frente, as mãos entrelaçadas com tanta força que os nós dos dedos ficavam esbranquiçados.

Mais água lamacenta para o almoço, a que os alemães chamavam sopa. Com sorte, talvez se conseguisse encontrar um pedacinho de nabo apodrecido. Sylvia Friedmann, uma enfermeira prisioneira judia, a assistente principal do Dr. Clauberg, a anunciar os números de uma lista. A mulher do canto a balançar-se mais depressa, estrebuchando e uivando ao ser arrastada por dois ordenanças para o corredor. Um silêncio sufocante e opressivo.

Hellinger a recolher os lençóis e as camisas de noite para serem desinfetados. Mulheres nuas e de cabeça rapada perfiladas. Novamente o Dr. Clauberg, agora a apalpar-lhes o peito. Aparentemente, alguém reportara a existência de uma mulher grávida. O Dr. Clauberg, a sorrir como um abutre e a esfregar os dedos em frente à cara de uma delas: «Leite!» A mulher foi levada em silêncio, sem serem precisos ordenanças.

Hora do jantar. Um naco de pão de farelo com uma pincelada de margarina, lambida apaticamente pelas mulheres. Uma rapariga belga na cama ao lado, com a cabeça tapada pelo cobertor, a chorar baixinho pela mãe — soluços abafados na lã, como se não quisesse incomodar ninguém com a sua dor.

À noite. Lágrimas, lágrimas vindas de todas as camas, orações balbuciadas, os nomes dos familiares e amigos repetidos horas a fio numa *Kaddish*³ interminável que Alma não suportava mais ouvir.

Finalmente, o silêncio. Um luar de prata a incidir nos seus braços, por entre as frestas das persianas. Um violino invisível no seu ombro. Os dedos da mão esquerda a pairarem sobre o braço do instrumento como as asas de uma borboleta. Um arco na mão direita, a beijar as cordas do violino. Lá fora, as *Sankas*, ambulâncias das SS disfarçadas de veículos da Cruz Vermelha, a levarem os corpos do bloco 11, ao lado; Alma vira-os brevemente, por entre as fendas das persianas, a partirem na direção do crematório. Na sua cabeça, tocava Strauss, *Contos dos Bosques de Viena*.

Música.

Paz.

Serenidade.

Um mundo em que um sítio como Auschwitz não tinha o direito moral de existir.

— Alma? Alma Rosé?

A enfermeira jovem e bonita que Hellinger trouxe consigo falava alemão com um forte sotaque holandês. Alma foi varrida por uma onda

³ Oração judaica.

reconfortante de recordações, de tempos mais felizes nos Países Baixos, onde várias famílias holandesas lhe haviam dado abrigo, protegendo-a dos nazis. As estações iam mudando na Europa devastada pela guerra, mas não a lealdade dos seus anfitriões. Arriscando as próprias vidas, esconderam Alma da Gestapo sem lhe pedir nada em troca — somente um pouco da sua música maravilhosa. Alma ficava radiante por poder agradecer-lhes: devia a vida e a liberdade àquelas pessoas altruístas e corajosas. Retribuir-lhes a hospitalidade com música era o mínimo que poderia ter feito. Mudaram-na de casa em casa quando os rumores sobre os raids da Gestapo assumiram proporções alarmantes, mas, onde quer que a tivessem escondido, sentira-se sempre bem-vinda e em casa.

Alma reconhecera de imediato a rapariga; nunca esqueceria os sorrisos bondosos daqueles que tanto tempo a haviam mantido a salvo. A rapariga, porém, demorara bastante a reconhecê-la. Alma não via o seu reflexo há dias — ou seriam semanas? —, mas calculava que estivesse com uma aparência deplorável. Claramente, já não era uma violinista célebre num elegante vestido de noite sem costas.

— Sabes quem é, Magda? É a Alma Rosé! — A enfermeira virou-se, radiante, para a *Blockälteste* Hellinger, com um ar maravilhado. — É uma violinista muito famosa na Áustria! — Interpretando erradamente o silêncio de Alma, a jovem enfermeira apressou-se a explicar: — Chamo-me Ima van Esso. Tocou em nossa casa em Amesterdão. Em 1942. Uma sonata de Telemann. Lembra-se?

Claro que Alma se lembrava. Uma casa acolhedora e quentinha; um ajuntamento ilegal de melómanos; cadeiras elegantes, mas desemparelhadas, dispostas em semicírculo; mulheres de vestido de noite e homens de fraque, com os olhos assestados nela — a mulher que adoravam e por quem arriscaram a fúria da Gestapo, só para a ouvirem tocar outra vez.

— Acompanhou-me. Na flauta — conseguiu Alma proferir. As memórias feriam-na. Era estranho pegar novamente nas mãos de Ima. Um triste reencontro, pelas razões erradas. Da última vez que se haviam encontrado, Alma ainda era uma mulher livre.

Ima esboçou-lhe um sorriso radiante.

— Sim! É muito amável da sua parte lembrar-se. Eu não passava de uma amadora... Tenho a certeza de que achou que eu não estava à sua altura.

Alma sentiu o lábio a começar a tremer-lhe e mordeu-o com força.

— Que disparate. Tocou maravilhosamente — retorquiu, orgulhosa da calma que conseguiu conferir à voz. A dor autoinfligida resultara, como sempre.

Magda assobiou baixinho, por entre dentes.

— Então, temos entre nós uma celebridade? Porque é que não disse logo quando me pediu o maldito violino?

— É preciso ser-se uma celebridade para tocar violino por estas bandas? — perguntou Alma, num tom mais irritado do que desejava.

— Não necessariamente, mas poderia ajudá-la a obter um — explicou Magda. — Exige imenso trabalho tratar do que quer que seja aqui em Auschwitz. Vai ser muito difícil arranjar-lhe um violino. A única pessoa que percebe alguma coisa de música é aqui esta pequena *Fräulein*. Não me leve a mal, mas tinha de verificar primeiro com ela se valeria a pena o esforço.

Ima puxou pela manga da *Blockälteste*, fitando-a com um ar de súplica.

— Oh, minha querida Magda, por favor, arranje-lhe um violino! Vai cair para o lado, maravilhada, quando ouvir como ela toca magnificamente. É uma autêntica *virtuose*, tem a minha palavra. Vai achar que foi transportada para a Filarmónica de Viena...

— A Filarmónica de Viena, pois! — resmungou Magda, por entre dentes, olhando de soslaio na direção da porta. — Mesmo que eu consiga que a Zippy me arranje um violino, como é que ela o vai tocar aqui às escondidas? Ou estás a pensar em organizar um concerto de portas abertas debaixo do nariz do Dr. Clauberg?

— O Dr. Clauberg e a *Blockführerin* das SS vão-se embora às seis. — Ima não se rendia. — Só voltam de manhãzinha. O edifício fica

completamente deserto. Só precisamos de pôr duas das raparigas de vigia para nos avisarem se alguém se aproximar.

— Então e o bloco 11? Achas que não vão ouvir?

Ima encolheu os ombros, após uma breve pausa, com um sorriso trágico a assomar-lhe aos lábios.

— O bloco 11 só tem homens condenados. Acha mesmo que eles se irão queixar às SS da última coisa bonita que ouviram antes de os encostarem ao muro?

Para grande espanto de Alma, Magda presenteou-a com um violino logo no dia seguinte. Tirou-o do interior de uma almofada, ostentando uma expressão matreira, e segurou-o diante dos olhos estupefactos de Alma com um orgulho notório.

— A Zippy manda os seus cumprimentos.

Alma pegou no violino pelo braço com um ar esfaimado, que as outras prisioneiras só exibiam perante um naco de pão.

— Quem é a Zippy? — perguntou, mais por delicadeza do que por curiosidade.

Toda a sua atenção estava focada no instrumento, ainda com pedacinhos de palha do esconderijo. Os seus dedos acariciaram lenta e reverentemente as cordas do violino. Haviam-se passado oito meses, oito excruciantes meses desde que empunhara o seu próprio *Guadagnini* — o companheiro fiel que tivera de abandonar em Utrecht à guarda do seu namorado.

Sentiu um nó na garganta ao lembrar-se das mãos quentes de Leonard nas suas faces molhadas de lágrimas, das palavras asseguradoras que ele lhe proferira, de que, em breve, ela estaria de volta e que o violino continuaria ali à sua espera, cheio de saudades, tal como ele...

Com um arrepio de descrença, Alma pôs-se a pensar que cama estaria Leonard a aquecer agora, como fizera Heini. No decorrer dos últimos anos, habituara-se às traições dos homens. O *Guadagnini* estava com ela quando Váša, o seu primeiro marido, lhe pedira

o divórcio; continuava com ela quando Heini, o seu namorado, se escapulira, deixando-a entregue a si própria em Londres, quando já se antevia a guerra. A ideia de Alma ser o ganha-pão da família não lhe agradava, nem o desconforto de ter de começar do zero com uma mulher que poucas semanas antes jurara amar mais do que tudo na vida, quando saíram da sua Áustria natal com o pai de Alma a reboque. *Pobre Heinrich*, pensou ela, com um sorriso de escárnio, *nem sequer teve coragem de me olhar nos olhos antes de bater em retirada*. Alma fugira da Áustria para salvar a vida dela; Heini correria de volta para Viena para recuperar a dele: uma vida de conforto sem contrariedades desnecessárias.

— Quem é a Zippy? — repetiu Magda, baixinho, com uma expressão conspiratória. — Isso cabe-me a mim saber, e a si não descobrir. Agora, esconda o violino, e não se atreva a tocar-lhe com um dedo que seja sem que eu lhe diga que é seguro. Compreendeu?

— Sim.

— Devia responder: «*Jawohl⁴, Blockälteste.*» — Alma olhou-a com um ar irritado, e Magda suavizou a ordem com um sorriso inesperado. — Não tem de usar a linguagem militar idiota deles quando estamos só nós aqui, mas é bom que se lembre de a usar na presença dos oficiais das SS, do Dr. Clauberg ou do Dr. Wirths. E tem de lhes responder dessa forma também, ou eles próprios se encarregarão de lhe ensinar com o chicote. Bem, o Dr. Wirths não o faria: é um homem sensato e não tem um pingo de violência dentro de si. Na verdade, é graças a ele que dispomos de lençóis, camisas de dormir, toalhas e até sabão aqui no bloco. Mas os outros estão bem longe de serem tão caridosos. Nas SS, são muito aferrados à disciplina.

Alma continuou a contemplar o violino com um sorriso beatífico, como se não lhe estivesse a prestar atenção.

Magda já havia virado costas quando ouviu, inesperadamente:

— Muito obrigada, *Blockälteste*.

⁴ Com certeza.

Deu por si a sorrir.

— Não tem de quê, Vossa Alteza.

Ao entardecer, nesse dia, o sol poente tingiu as nuvens de rosa-claro. Depois de as equipas que trabalhavam no exterior serem conduzidas aos seus barracões, o silêncio abateu-se sobre o campo. Os cães de guarda dormiam, trancados nas jaulas durante a noite. O bloco 10 era o único que fervilhava de excitação.

As mulheres, pelo menos aquelas que não estavam prostradas, afastaram as camas para abrir espaço para um palco improvisado na frente da sala. Empunhando o violino, Alma saltitava de um pé para o outro com impaciência, tensa e nervosa, como se estivesse prestes a tocar novamente perante a mais fina flor de Viena, e não diante daquele amontoado de almas perdidas.

Por fim, estava tudo pronto. Fez-se silêncio absoluto. Avançando para diante do público, Alma aproximou o arco das cordas e fechou os olhos. A primeira nota, longa e experimental, imiscuiu-se na quietude do crepúsculo. Fez uma pausa, de súbito, hesitante, e logo ganhou uma força imensa, evoluindo num crescendo de acordes, fazendo com que o próprio nome daquele sítio — Auschwitz — deixasse de existir para as suas vítimas. Já não estavam ali; de olhos fechados, sorrisos sonhadores nos rostos exaustos, as mulheres embalarão-se ligeiramente ao ritmo da música, cada qual imersa no seu próprio mundo, em que a beleza significava de novo alguma coisa, em que os seus amados rodopiavam com elas nos braços ao som de uma valsa vienense, em que os seus entes queridos ainda eram vivos — porque, tal como a música, também as recordações são eternas.

Ima chorava a um canto, silenciosamente, tapando a boca com o lenço de enfermeira. Encostada à parede, Magda esfregava o peito, como se lhe doesse fisicamente recordar que havia algo para lá daquele mundo cruel em que os judeus, como ela, estavam a ser chacinados às centenas de milhares. No entanto, sorria, porque, juntamente com a dor, acendera-se em si uma nova centelha de esperança: talvez não

estivesse ainda tudo perdido se tal beleza ainda se conseguia infiltrar nas paredes de Auschwitz.

Com os dedos frementes da música, Alma abriu os olhos e esboçou um sorriso malicioso às espectadoras aturcidas.

— Então? De que estão à espera? — A sua voz quebrou o silêncio reverencial. — Estarei a tocar para nada? Não é apenas descortês, mas diria mesmo amoral ficarem sentadas ao ouvirem tocar uma valsa. Dancem! Levantem-se e dancem, senhoras! Não acredito que já não saibam dançar.

Por instantes, as mulheres trocaram olhares confusos. A ideia parecia-lhes ridícula. Depois, porém, a própria Magda deu um passo resoluto, fez uma vénia teatral e estendeu a mão a uma das raparigas, com um galanteio que deixaria orgulhoso qualquer cavalheiro do Velho Império.

— Concede-me a honra, Madame Mila?

Sem a mais pequena hesitação, a rapariga a quem Magda se dirigira pôs os dedos esguios na palma da mão da *Blockälteste* húngara. Começaram a rodopiar em torno do pequeno espaço livre em frente ao palco improvisado, soltando risadas de incredulidade e de satisfação, com os pés descalços, a tropeçarem nas camisas de dormir. Não tardou que outro par se lhes juntasse, e mais outro, enquanto Alma continuava a tocar, com os olhos enevoados e finalmente em paz, pela primeira vez em vários meses. Com o poder da sua música, conseguira libertar aquelas mulheres durante alguns instantes preciosos. Agora, podia morrer feliz.

Capítulo 2

Agosto de 1943

— Vossa Alteza! — A forma de tratamento trocista com que Magda se dirigia a Alma tinha agora um tom indubitável de respeito.

Além disso, conseguira que Alma fosse dispensada das experiências, para que o bloco 10 não perdesse a sua preciosa violinista, que tinha o condão de as fazer esquecer os horrores do encarceramento sempre que tocava para elas. Alma desconfiava que aquele tratamento privilegiado estaria de certa forma relacionado com Sylvia Friedmann, a assistente principal do Dr. Clauberg, que, ultimamente, se tornara uma presença assídua naqueles «serões culturais». Quase de certeza que fora Sylvia quem riscara o nome de Alma da lista do Dr. Clauberg, depois de Alma ter tocado as canções eslovacas que ela lhe pedira.

— O que acha de tocar esta noite para um público ligeiramente diferente? — Magda conferiu uma jovialidade artificial à voz, mas os olhos desviados de apoquentação traíram-na. Por trás dela, duas jovens que Alma não conhecia, magras como espantalhos, remexiam os pés, inquietas. — Estas duas raparigas pertencem à banda feminina — continuou Magda. — São elas que tocam todas as manhãs lá fora quando os *Kommandos*, os grupos de trabalho, transpõem os portões. «O trabalho libertar-vos-á», e todas essas tretas. As SS acham que a marcha para o trabalho deve ser celebrada com música. — O seu revirar de olhos era indicativo daquilo que pensava acerca

do slogan infame inscrito sobre os portões do campo: «*Arbeit macht frei.*» — Foi por isso que criaram orquestras no campo.

Alma permaneceu em silêncio.

— Boa tarde, Frau Rosé. — A rapariga mais nova avançou um passo. O vestido às riscas que lhe pendia dos ombros salientava ainda mais a sua extrema magreza. Estranhamente, não tinha a cabeça rapada: Alma conseguia ver-lhe os caracóis acobreados escondidos sob o lenço. — É uma verdadeira honra conhecê-la. Somos todas grandes admiradoras do seu talento.

— Eu chamo-me Hilde, e esta é a Karla — interveio a segunda rapariga, encarregando-se das apresentações.

À semelhança da primeira, Hilde falava a língua materna de Alma, mas com um carregado sotaque prussiano, em vez do brando sotaque vienense de Alma. Envergava um vestido às riscas, idêntico ao de Karla, e um lenço na cabeça. Alma deduziu que fosse o uniforme da banda.

De repente, as raparigas começaram a falar uma por cima da outra.

— A Zippy contou-nos do sucesso tremendo que têm sido os vossos serões culturais...

— Ela também toca na nossa pequena orquestra...

— Eu toco flauta de bisel e flautim...

— E eu sou percussionista. Porém, na verdade, só podemos tocar a *Katzenmusik*⁵ atroz que a Gestapo do campo escolhe como forma de tortura e marchas estridentes que só servem para obrigar os *Aussenkommandos*, os grupos de trabalho dos subcampos, a estugar a passada quando vão a caminho dos trabalhos forçados.

— A Sofia, a maestrina da banda, bem tenta organizar-nos o melhor que pode, mas, no fundo, não passamos de macaquinhos a tocar realejo.

— E hoje é o aniversário de um dos oficiais das SS, e, então, pensámos que...

⁵ Música desarmoniosa, cacofonia.

— Não.

Sobressaltadas com aquela recusa categórica — a primeira palavra a escapar-se dos lábios de Alma, que até ali os mantivera bem cerrados —, as duas raparigas trocaram um olhar ansioso.

Ao lado delas, Magda limitou-se a resfolegar com um desdém bem-disposto.

— Eu bem disse que ela iria recusar. Sua Alteza ainda não compreendeu onde está. Se a mandassem lá para fora trabalhar durante um par de dias com os outros e a obrigassem a carregar pedregulhos de um monte para o outro para mero entretenimento dos SS, aposto que aprenderia depressa a não torcer o narizinho empinado às oportunidades que lhe dão de mão beijada. Mas, ao que parece, já a conseguimos estragar com mimos.

— Não vou tocar para aqueles reles porquinhos nazis — retorquiu Alma. Ao ver a expressão horrorizada das raparigas perante o tom despreocupado dos seus insultos, esboçou um sorriso sombrio. — Porquinhos — repetiu lentamente, saboreando a palavra. — É precisamente isso que eles são. A escumalha da terra que rastejou para fora dos seus tégulos para inundar o continente inteiro com a sua imundície. Querem que eu toque para eles? Porque haveria de desperdiçar assim o meu talento? Seriam incapazes de reconhecer boa música mesmo que lhes esfregassem a cara com ela.

Branca como a cal e de olhos esbugalhados, Karla abanou a cabeça tão impetuosamente que os caracóis castanho-arruivados se soltaram do lenço.

— Não pode dizer essas coisas aqui! Alguém a vai denunciar à *Kapo*⁶, ou a uma das *Blockführerin* das SS, em troca de uma côdea de pão, e estará tudo acabado para si!

— Tanto melhor. Podem denunciar-me vocês mesmas, se desejarem. A mim, tanto me faz. — Não se tratava de fanfarronice; Alma

⁶ Prisioneiro judeu selecionado pelos oficiais das SS para supervisionar os trabalhos forçados ou executar tarefas administrativas.

não se importava mesmo que os oficiais das SS a levassem para o muro e a fuzilassem por causa da sua língua afiada.

Magda soltou uma gargalhada. «Alguma vez viram algo assim?», parecia dizer a sua expressão.

— Vossa Alteza... — Aproximou-se da cama de Alma. — Vá, não seja tola, levante-se. — Alma não se mexeu. — Então? Precisa que eu a arranque daí à força? Que diferença é que lhe faz tocar para nós ou para os guardas? — questionou Magda.

— A mim faz-me uma grande diferença.

— As raparigas têm razão: alguém vai denunciar a sua recusa em tocar e há de acabar, por mera arrogância, no bloco ao lado, onde a Gestapo lhe tornará a vida bastante difícil.

— Podem-me espancar até à morte, se lhes apetecer. Pouco me importa. Podem matar-me, mas não me obrigarão a tocar.

— Já vi muitas pessoas teimosas na vida, mas nada como isto. — Magda abanou a cabeça. — Enfim, eu fiz o que podia — disse às raparigas da banda antes de virar costas. — O problema agora é vosso. Tenho de tratar dos meus próprios assuntos.

As três mulheres ficaram a entreolhar-se, por instantes. Karla foi a primeira a aclarar a garganta.

— Sei que a senhora é austríaca, Frau Rosé... Somos vizinhas; eu sou da Alemanha. A sua família é sobejamente conhecida no meu país, nos círculos artísticos. Todos sabemos que o seu pai e o seu tio foram grandes filantropos a vida inteira... — A voz dela esmoreceu. Ficou a aguardar uma reação de Alma, quase desesperadamente.

— O que tem a minha família que ver com isto? — perguntou Alma, já irritada com a conversa.

Família. A palavra perdera há muito o seu significado original. Ao chegarem a Viena, os nazis tiraram-lhes tudo, dispersando o clã Rosé um pouco por todo o mundo. Alguns fugiram, incluindo o irmão dela, Alfred, e a mulher. Outros ficaram em Viena, à espera de que a loucura coletiva se esfumasse, nomeadamente os seus pais, já de idade avançada. A loucura, porém, limitara-se a recrudescer;

todos os dias eram acrescentadas novas leis antissemítas à já interminável lista; em pouco tempo, os velhos amigos da família deixaram de poder visitar a casa dos Rosés, e o pai de Alma, Arnold, o antigo e venerável concertino expulso da Filarmónica, fora proibido de tocar, sob o seu próprio teto, qualquer música de compositores alemães. Alma ficara quase aliviada com a morte da mãe, que, assim, já não se via obrigada a assistir a tudo aquilo. Teria ficado, sem dúvida, com o coração dilacerado perante a desumanidade e o terror que os Camisas Castanhas de Hitler fizeram abater sobre a população.

Família. No fim, restaram apenas duas pessoas, Alma e Arnold — o seu amado *Vati*, o músico célebre que, em poucos meses, se transformara, perante os seus olhos, num velho alquebrado. Só quando percebeu, finalmente, que já não havia lugar para ele no seu próprio país é que permitiu que Alma o levasse para longe, para a segurança de Londres.

Família, pensou Alma, sentindo-se, de súbito, profundamente arrasada.

Karla parecia procurar as palavras certas.

— Talvez se não o fizer por si própria... Compreendo perfeitamente os seus sentimentos, acredite... Mas se o fizer pelas outras prisioneiras, por nós, talvez pudesse...

Outra pausa constrangedora.

As sobranceiras de Alma fundiram-se numa só.

Então, Hilde soltou um suspiro exasperado.

— O que ela está a tentar dizer é que, se aceitar tocar para eles conosco, todas as raparigas da banda terão direito a razão extra. Como já lhe explicámos, não somos particularmente boas, pelo que precisamos de alguém... com formação.

— Sim, com formação e experiência — acrescentou Karla.

— E talento...

— Sim, sem dúvida, talento.

Hilde continuou:

— O que estamos a dizer é que, quando tocamos bem, eles dão-nos mais pão, e às vezes até salsichas. E seria ótimo ter direito a mais pão e salsichas.

A expressão de Alma suavizou-se. Surgiu-lhe um sorriso ténue nos lábios.

— É essa a questão? Podiam ter dito logo! Nunca recusei um concerto de caridade na vida.

— Quer dizer que aceita tocar? — Karla juntou as mãos em frente ao peito, com o rosto subitamente radiante.

— Sim, mas só se... — Alma fez sinal para a camisa de dormir, o uniforme do bloco experimental, com um trejeito repulsivo. — Não posso atuar assim, como devem calcular.

— Vamos já ao *Kanada* arranjar-lhe um vestido! Vai parecer uma princesa esta noite.

— O que é o *Kanada*? — indagou Alma.

— O *Kanada* é... hum... Pode dizer-se que é o céu na terra. — Karla ergueu os olhos para o teto, com um ar sonhador. — Um sítio onde se consegue arranjar tudo.

— É um dos grupos de trabalho do campo, o mais *kosher*⁷ de todos — esclareceu Hilde, ao ver o ar perplexo de Alma. — São os barracões onde se faz a triagem das roupas e dos pertences dos recém-chegados. São escolhidos, desinfetados e remetidos para a Alemanha, para os arianos usarem. Quando precisamos de «organizar» alguma coisa, o *Kanada* é o local perfeito.

Alma não sabia, na altura, quão proféticas se haveriam de revelar aquelas palavras.

Conseguiram, de facto, arranjar-lhe um vestido de noite em menos de duas horas. Ainda cheirava vagamente ao perfume de outra pessoa e era um tamanho acima do seu, mas o que incomodava Alma verdadeiramente não era a sua aparência. Nunca se vestira com tamanha relutância; nunca sentira uma aversão tão grande ao público que a

⁷ Que obedece à lei judaica, às regras descritas na Torá.

aguardava. As raparigas da orquestra, porém, tinham fome, pelo que reprimiu as emoções que a assaltavam e seguiu-as pela noite escura.

No interior do edifício para onde a levaram, havia um palco de contraplacado fracamente iluminado por algumas lâmpadas. As tábuas rangeram, mesmo sob o peso leve de Alma, quando ela avançou para defronte do público de violino na mão. Não se tratava de um *Guadagnini*, nem nada que se parecesse, mas tinha as cordas todas e estava razoavelmente afinado, o que para Alma bastava. «Nas mãos certas, qualquer instrumento é bom», costumava dizer o pai.

Ao colocar o violino sobre o ombro, Alma pensou em como estaria ele a dar-se lá longe, em Inglaterra. Deixara-o a salvo em Londres quando ela própria, contra o conselho unânime, resolvera viajar até à Holanda, onde os músicos judeus ainda conseguiam arranjar trabalho. Apesar da ameaça do exército alemão, que ia cravando as suas garras mortíferas um pouco por toda a Europa, Alma dera vários concertos naquele país durante alguns meses, enviando ao pai os seus parcos honorários. Porém, depois, a Alemanha invadira a Holanda, poucas semanas antes da sua data de regresso a Londres, e todas as comunicações entre ela e o pai foram interrompidas.

Ao erguer o arco do violino, ali em Auschwitz, Alma imaginou-o a beber chá noutro sítio, numa pacata vilória inglesa, longe das bombas e do «antisemitismo científico», a salvo e incólume, perante toda aquela imundície.

Tocaria para o pai, esta noite. Não para aquela corja elegante de uniformes cinzentos das SS e de fatos de três peças dos *Kapos*, mas para ele. Tocaria o mais magnificamente que conseguisse, não para agradar àquelas criaturas reles que desprezava profundamente, mas para o deixar orgulhoso.

Tocou de cabeça todas as peças preferidas dele, bem alto, num tom desafiador, incluindo compositores judeus. Como sobremesa, e só para os arrelhar com a lembrança do país com quem agora estavam a perder a guerra, serviu-lhes Tchaikovsky, *As Estações*. Dezembro;

Natal. Ficou desapontada ao constatar que os oficiais das SS não perceberam a troça, irrompendo, ao invés, num tumultuoso aplauso.

Pela primeira vez na sua carreira, Alma não fez uma vénia ao público.

Depois da atuação, tiveram efetivamente direito a mais um naco de pão e a um pedacinho de salsicha com bolor. Alma ofereceu o seu quinhão às outras raparigas.

Pairava um leve odor a lilases no escritório da *Lagerführerin*, a chefe do campo feminino de Birkenau, aonde Alma fora chamada alguns dias após o concerto. Quando se sentou em frente à secretária de Maria Mandl, havia uma prisioneira a pôr flores frescas numa jarra sob o olhar irritado de Mandl. Alma teve a impressão de que, se não fosse pela sua presença, Mandl já teria gritado com a prisioneira. Limitava-se, porém, a fitar a figura desamparada, com um olhar incisivo. Só quando a mulher saiu é que se virou para Alma.

Mandl aparentava ter 30 e poucos anos, provavelmente apenas menos um ou dois do que Alma, mas era difícil identificar ao certo a idade dos guardas ali, tal como a dos prisioneiros. Se os prisioneiros se viam rapidamente envelhecidos à conta da fome, da fadiga e da doença, os guardas, por seu turno, ficavam com o rosto marcado pelos berros constantes que lhes distorciam a boca e deixavam rugas vincadas entre as sobrancelhas meticulosamente arranjadas. O ódio envelhecia-os quase tanto quanto o sofrimento envelhecia as suas vítimas, uma situação que, achava Alma, tinha a sua justiça poética.

— Os meus guardas ainda não se calaram com a sua atuação. — Mandl foi a primeira a falar. — O seu pai era o concertino da Filarmónica de Viena, não era? — Não se tratava de uma pergunta, mas de uma constatação, envolta num certo tom de respeito velado. Alma reconheceu um sotaque familiar. *Estou perante uma compatriota austríaca, portanto, Lagerführerin Mandl*. — Eu não sou de Viena — continuou Mandl, remexendo-se na cadeira —, mas da Alta Áustria. — De uma vila ou aldeia tão pequena que sentia embaraço em

nomear. Alma esboçou um sorriso. Tal como dissera às outras: reles porquinhos, vestidos de uniforme. — Ouvi-a a si e ao seu pai a tocar, pouco antes do *Anschluss*.

Naturalmente, antes do *Anschluss*. Depois da anexação da Áustria, todos os músicos judeus foram expulsos das posições que ocupavam pelos bandidos do Ministério da Propaganda, vendo-se substituídos por arianos, que podiam nem saber tocar coisa alguma, mas isso não interessava nada, desde que fossem de sangue puro.

Alma continuou a fitar a chefe do campo sem proferir uma palavra. Estaria a mentir se dissesse que não lhe dava um certo prazer vê-la a contorcer-se na cadeira, claramente incomodada perante o seu silêncio.

— É uma verdadeira sorte tê-la aqui connosco, não concorda? — prosseguiu Mandl, esboçando até um sorriso. Era o sorriso de uma mulher que raramente sorria, hesitante, quase distorcido. — Alma arqueou uma sobrancelha. Aquilo seria uma piada de mau gosto? — Acho que o próprio *Herr Kommandant* terá o maior dos prazeres em ouvi-la a tocar para ele e para os seus distintos convidados. Sabe, eu também sou uma grande apreciadora de música. Temos isso em comum. — *Deve ser a única coisa que temos em comum*, pensou Alma. — Ser-me-ia de grande ajuda se conseguisse fazer alguma coisa daquele grupo de mulheres que estamos a tentar fazer passar por orquestra. — Mandl soltou um riso embaraçado, por entre dentes. — Já as ouviu tocar, certamente. Aquilo a que elas chamam música deve ferir-lhe os ouvidos ainda mais do que a mim.

— Torna-se difícil tocar bem quando só se consegue pensar no buraco que se tem no estômago — contrapôs Alma. Mandl pestanejou, apanhada de surpresa. Não esperara, evidentemente, que aquelas fossem as primeiras palavras que ouviria da afamada violinista. — Sou perfeitamente capaz de as ensinar a tocar ao nível de uma orquestra vienense, mas não posso viver e muito menos trabalhar nestas condições — continuou Alma, num tom gélido. — Tive a oportunidade de ver onde elas estão instaladas, *Lagerführerin*, e, com

todo o respeito — esperava não soar demasiado sarcástica —, as condições são atrozes. Se quiser mesmo que eu dirija a sua orquestra, vou precisar de aposentos novos, especificamente destinados às raparigas, onde possamos ter uma sala de ensaios, um armazém para os instrumentos e acesso a chuveiros, para estarmos apresentáveis nas atuações. Vamos precisar de uniformes novos, e não daqueles trapos listrados que elas usam. E alimente-as devidamente, por amor de Deus! Elas precisam de refeições regulares e substanciais, e não daqueles restos ridículos que lhes dão no fim de cada concerto, como se fossem ossos atirados aos cães. É degradante! Como é que se pode criar música quando se é constantemente humilhado a tal ponto? Nem sequer eu conseguiria tocar em tais condições se me pusessem a viver assim umas semanas. — Alma fez um aceno de cabeça na direção da jarra com as flores. — A senhora não poderia deixar esses lilases sem água nem luz e esperar que eles lhe agradassem os sentidos com a sua beleza e o seu perfume. Consegue, em consciência, esperar que nós a agrademos a si e aos seus camaradas com a nossa música se nos negarem essa água e essa luz que não recusa às flores?

Inclinando ligeiramente a cabeça para o lado, Alma aguardou pela reação de Mandl, irritada por ter de lhe explicar o óbvio.

Por instantes, Mandl ficou petrificada, sem saber como agir. A sua autoridade fora desafiada — ainda para mais por uma prisioneira judia —, e não era à toa que lhe chamavam «a Besta». O campo de Birkenau constituía o seu reino, onde só ela dava ordens. Ali, não governava apenas por direito, mas como um deus nomeado pelo Führer, cabendo-lhe decidir quem poderia viver ou teria de morrer. Era por isso que trazia uma pistola no coldre pendurado à ilharga. Já tinha matado antes por muito menos, e, no entanto...

E, no entanto, não se atreveu a levantar a voz para a mulher diante de si, pois perderia a sua posição de superioridade ao mínimo grito, por muito contraditório que isso pudesse parecer. Os berros e as imprecações haviam sido a rotina diária em sua casa quando era miúda, oriundos sobretudo da boca do pai alcoólico e recebidos

geralmente com uma torrente de insultos por parte da mãe: que ele não servia para nada, o porco inútil, e bem podia ter ficado a apodrecer na sarjeta de onde saíra.

Nunca ninguém gritara em casa dos Rosés, apostava Mandl. Em casa dos Rosés, passavam os dias a tocar boa música, comiam em pratos de porcelana com talheres de prata e cumprimentavam as mulheres com um beijo galante na mão. Não, quaisquer gritos grosseiros — ou, pior ainda, o chicote — só teriam o efeito de destacar ainda mais a diferença de educação entre as duas, o que era inadmissível para si. À frente das outras, Mandl continuaria a ser a Besta; perante Alma Rosé, seria sempre a amante civilizada de tudo o que era mais refinado.

— Parece-me suficientemente razoável — concedeu, por fim, com uma expressão contemplativa. — Terão um novo dormitório. E novos uniformes. Quanto aos chuveiros, por enquanto terão de partilhar os das prisioneiras adstritas ao serviço do *Kanada*.

— Não vejo qualquer problema nisso, *Lagerführerin*. E agradeço-lhe muito a simpatia e compreensão.

Despediram-se à porta — foi a primeira vez que Mandl apertou a mão a uma prisioneira. Só que Alma Rosé não se comportava como uma vulgar prisioneira, mas como uma hóspede distinta que agradecia o campo decrépito com a sua presença. Depois de Alma sair, Mandl permaneceu ali parada, por momentos, a contemplar a palma da mão com um sorriso idiota no rosto. Acabara de apertar a mão à grande Alma Rosé.

Poderá a esperança emergir das profundezas do inferno?

Alma Rosé é uma prisioneira judia que se encontra em Auschwitz entre milhares de outras mulheres que lutam diariamente pela sobrevivência. Esta realidade trágica não poderia estar mais longe da sua vida anterior. Alma era uma acarinhada violinista de renome, cujos concertos deixavam o seu público extasiado. Mas, quando os nazis atacaram a Europa, nada disso a pôde salvar...

Quando a chefe do campo onde Alma se encontra a nomeia para dirigir uma orquestra, que deverá tocar tanto para prisioneiros como para oficiais nazis, o primeiro instinto de Alma é recusar. Mas rapidamente percebe o poder que lhe poderá trazer essa posição: conseguirá assegurar rações extra às raparigas da banda e resgatar muitas delas das garras da morte.

É assim que Alma conhece Miklos, um talentoso pianista. Rodeados pelo desespero, ambos encontram felicidade em ensaios conjuntos e bilhetes secretos, enquanto esperam que um dia o suplício termine. Mas em Auschwitz o ar que se respira está carregado de morte, e o horror é a única certeza.

**Uma história comovente que retrata a vida
de uma das mulheres mais destemidas e inspiradoras
da História, que salvou inúmeras vidas em Auschwitz
e trouxe esperança aos que já a haviam perdido.**

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-481-0



9 789895 644810

Romance Histórico